

EDITORIAL

A *Revista PET Interdisciplinar e Programa Conexões/UFPA-On-line*, nesta *edição especial*, reuniu memoriais na íntegra elaborados entre os anos de 2008 e 2009 com os bolsistas conexas¹ da época. Tais memoriais eram destinados para a publicação do livro caminhadas que devido a problemas técnicos não foi concluído, todavia já está em processo de finalização. A ideia desta edição deu-se também devido a comemoração dos 10 anos do Programa completados em 2016, evidenciando o percurso trilhado pelos alunos oriundos das camadas populares que ingressam no ensino superior que integraram o grupo de alunos participantes do Conexões da saberes.

Em sua 1ª edição a revista contemplou um conjunto de artigos resultado do II e III Seminário de Cotas da UFPA, organizado pelo Fórum de Acompanhamento e Avaliação das Cotas na UFPA, articulado pelo Programa Conexões de Saberes: diálogo entre a Universidade e as Comunidades Populares-PCS, Programa de Educação Tutorial-PET Interdisciplinar Conexões de Saberes: novo diálogo entre a UFPA e as Comunidades Populares, Movimentos Sociais.

Todos os memoriais aqui presentes foram respeitados em suas apresentações, tendo em vistas a importância do relato descrito por cada autor. Em suma, compreende-se que esta edição especial da revista *PET Interdisciplinar e Programa Conexões/UFPA-On-line*, abrangem aspectos fundamentais na construção sociocultural e acadêmica dos acadêmicos que puderam ter a experiência de descrever circunstâncias nas quais contribuíram, de alguma forma, na sua vida pessoal e profissional.

*Se me deixam falar... falarei! Se não deixam... arrumo um jeito e falarei.*²

Todos os dias me deparo com situações que não me deixam esquecer de que algo precisa ser feito em prol daquelas (es) que não tem quem lhes estenda a mão e, dia após dia repetem a saga dos seus -nascer pobre, crescer pobre e morrer pobre. A imagem parece ser de gente muda, que não consegue esboçar um “pio” de reação. Só parece! Se lhes deixam falar a coisa muda de figura e, de repente, boas lembranças atravessam as mentes lhes dizendo, vejam nessas imagens gravadas bem aqui (a memória é sempre seletiva), não são coisas diferentes? Daí, as imagens trazidas pelas lembranças boas vêm à tona. Isso é possível? Não sei! Só sei que guardo a ilusão

¹ Alunos graduandos bolsistas do Programa Conexões de Saberes

² Título do livro de VIEZZER, Moema, 1976

de “dar voz” a quem de direito – todas (os) que foram silenciadas no tempo e espaço e nem por isso deixam de sonhar num mundo onde homens e mulheres possam ser, simplesmente felizes.

O Programa Conexões de Saberes: diálogo entre a universidade e comunidades populares, apresenta-se como possibilidade de deixar falar as (os) silenciadas (os) por muito tempo - estudantes universitários de origem popular.

Ao acompanhar de perto a caminhada e falar entusiasmada sobre o programa, destaco outras pisadas, outros rastros, outros sabores, outros amores e mesmo sabendo que é um caminho (in)seguro sei poderemos ir em frente. Se cairmos alguém há de nos estender a mão. Muitos dizem: é uma gotícula no oceano! Respondo: O que seria do oceano sem as gotículas?

O livro “caminhadas” retrata partes de partes da escritura da vida de estudantes que ousaram falar, escrever e contar como fizeram para furar o paredão das imensas desigualdades sociais e educacionais e ingressar no ensino superior para não repetir a saga de seus antepassados é singular!

Ao ler muitos dos memoriais que ajudei, humildemente, a construir percebo um ponto de intercessão -histórias que se interligam – alguém lhes estendeu a mão - um parente, um vizinho, um amigo, um desconhecido, a escola.... Não entraram sozinhos.

É impossível ficar impassível diante das escrituras, são linhas paradoxais duras, ferinas, felizes, bem certas e muito bonitas que via de regra levam às lágrimas. Em muitos momentos o escritor afirmava: caro leitor estou chorando e, eu arrematava, eu também!

São linhas, parágrafos folhas e folhas que se cruzam, descruzam tratando com clareza e rigor aquilo que muitos falam por deleite, por moda ou por ibope - o sentido de ser pobre num país de pobres.

O livro se assemelha ao curso de um rio sinuoso, vigoroso, raso e fundo, mas que retrata o que de mais belo a vida tem, a história por onde passa. Os memoriais retratam vida de conexas que ingressaram no programa em 2007³.

Domitilla que deu origem ao livro “Se me deixam falar”, diz de chofre, no início de sua fala: *‘Não quero que interpretem, em nenhum momento, a história que vou relatar somente com um problema pessoal. Isto porque penso que minha vida está relacionada com meu povo’*. O caminhadas também retrata problemas que são de ordem pessoal, mas sobretudo são problemas

³ Desde de 2005 a UFPA por meio da PROEX mantém o programa.

de todos nós! Temos a obrigação educacional de abraçar a causa dos pobres e não só tirar proveito dela.

Os jovens escritores do caminhabras pertencem a um mundo pouco conhecido de muitos. Convido-os a adentrar a trajetória de cidadãs (os), pobres, alegres, esperançosas (os), solidárias (os) e sonhadoras (es). Por fim advirto-os são pessoas que vergam, mas não quebram... Escutem bem os depoimentos! Aqui, neste livro elas e eles podem falar.

Fala Núbia

“[...] cheguei ao ensino médio estudei na Escola Estadual Deodoro do Mendonça, passando por um teste de seleção para ser matriculada nessa escola. Lembro-me de alguns dias em que saía mais cedo de casa, indo a caminho da escola, [...].No terceiro ano,consegui um estágio remunerado na antiga Telepará, foi uma grande ajuda para minha família...Meu primeiro emprego foi numa escola particular, onde trabalhei doze anos na secretaria, escola que foi extinta por má administração”.

Fala Samara

“Tantas dificuldades para criar os 04 filhos levaram e leva até hoje o meu pai a viajar para outros Estados ou País a procura de trabalho para que possa nos sustentar, privando-se assim de viver-participar de momentos importantes das nossas vidas e deixando um vácuo o qual só é preenchido pela certeza do seu grande amor por nós. Nossa sempre companheira fiel, a minha mãe, a flor mais bela, a pessoas mais integra que já conheci a quem tento seguir como exemplo a cada dia.”

Fala Shirlene

[...]Neste período já trabalhava como doméstica e morava no emprego. Aos finais de semana, nas folgas do trabalho ia para o cemitério Santa Isabel com meu avô lavar as sepulturas, ele, meu avô, era zelador. Confesso que gostava muito de estar lá, pois além de ganhar um “troquinho” com os serviços que fazíamos, gostava, mesmo, das mangas “suculentas”. Lá é cheio de mangueiras! Minhas amigas da escola tinham medo, mas a Janete e eu íamos sempre - a mãe dela também era zeladora - aproveitávamos para assustar os colegas sendo que a escola fica bem ao lado – separada apenas por um muro. Além do mais o cemitério oferecia outros atrativos para mim. Adorava ler epitáfios, saber das lindas histórias (dos defuntos) de amor:

noivos que morreram juntos ou um morreu e outro em seguida por amor; das crianças que morreram e passaram a fazer milagres, mas minha preferida era a mulher do táxi: Josefina [...]. No cemitério há uma grande divisão social: as sepulturas da frente são dos ricos, pomposas com grandes imagens, geralmente em mármore, e jardins; as detrás, dos pobres, são os chamados “paredões”, geralmente, pintadas somente com *cal* e um vasinho para flor. Apesar do trabalho pesado de zelar, lavar e plantar nas sepulturas foi um tempo de muito aprendizado e de aventuras.

Fala Dayse

“[...] Falar desta trajetória sem deixar explícito o que considero minha base, meu alicerce, ficaria vazio. É caro leitor; estou falando de minha preciosa MÃE! Seu nome é Sandra. Devo a ela tudo na vida. O sonho e a realização de estar na Universidade começa com o incentivo recebido dessa pessoa especial. Suas palavras sempre soaram em meus ouvidos...[...].esperança em dias melhores, foi essa ideologia de vida que me impulsionou na luta pelo desejo de entrar na universidade. Minha mãe aprendeu a ler e escrever sozinha, através de jornais e revistas. Ela começou a estudar a pouco tempo por exigência de seu recente emprego. [...] Ainda que naquele momento minha mãe desconhecesse e não ter tido acesso à escola enquanto instituição de ensino que garante educação enquanto direito do cidadão e dever do Estado, não mediu esforços para que seus irmãos tivessem a oportunidade que lhe foi negada. E mesmo com todo incentivo que deu para seus irmãos, nem todos concluíram o ensino fundamental, pois tiveram que trabalhar desde a infância como feirantes. Foi o que aprenderam e, é o que fazem até hoje, talvez isso tenha desestimulado-os. Meus tios não conseguiram, porém minha mãe começou a fazer apostas nas filhas. Quem sabe, não passava pela sua cabeça que as mulheres não a decepcionariam? E com esse pensamento incentivou suas filhas, Shirley, Eu, Renata e Priscila”.

Fala Ermieide

Acessar a Universidade Federal do Pará aos 33 anos foi algo surpreendente, além disso, eu já havia terminado o segundo grau (ensino médio) há dez anos. Mulher, mãe, esposa, comerciaria e estudante de cursinho popular. Processos individuais e coletivos que possibilitaram a superação de paradigmas e a construção de uma nova trajetória de vida estabelecida a partir das relações entre eu e mundo. Passar no vestibular foi um momento

inesquecível e único em minha. Quer experimentar? Embarque nesta estória e acredite em seus sonhos.

Fala Zé Elíada

“Oriundo do Maranhão meu pai saiu cedo de sua terra em direção a abundante Amazônia. Maranhão, Pará, Belém, Terra-firme foi o seu roteiro de viagem e este último acabou por tornar-se o seu futuro bairro. Infância marcada pelo abandono do pai, morte prematura da mãe e cuidados da avó materna em uma terra pobre e sem perspectivas de um futuro promissor o trouxeram à Belém, para casa de parentes que tinham a mesma origem.”

Fala Marlúcia

“Depois do resultado começaram as dúvidas, medos, angústias sobre o que é a universidade. Será que é tão difícil como falam? Será que eu vou conseguir? Às vezes eu nem dormia pensando nessas coisas. [...] O Curso de Ciências Naturais possuía disciplinas da área de exatas que exigem muita dedicação, por isso Fiquei com medo de não conseguir acompanhar. Comecei a pensar se tinha escolhido o curso certo. Estava literalmente com medo. [...] Hoje esse curso representa o meu futuro e o futuro de muitos estudantes, pois o vejo como um mecanismo de mudança tanto do ensino como da sociedade, além de ser uma oportunidade de ter uma vida financeira melhor.”

Fala Antonio Joel

“(...) o Brasil conhece se não a maior mais umas das maiores crises já vividas e isso nos afeta diretamente. Meu pai desempregado com seis filhos para sustentar a vida passa a ser um grande tormento e nós, sendo eu o mais velho fui vender picolé nas feiras e estudar à tarde. Foram os dois anos mais difíceis de minha vida (1990-1991). Era duro ver meus pais tristes, quase no desespero sem ter o que dar aos filhos. Perdi totalmente a vontade de viver e minha primeira reação fora abandonar os estudos, pois é impossível estudar com fome. Como é difícil falar desses momentos! (Desculpem não consegui segurar as lágrimas). Às vezes para fugir da realidade cruel a qual fui submetido ao conseguir algum dinheiro ia me refugiar na casa do meu avô no lugar onde morávamos isso ocorria por dois motivos: o primeiro era que não conseguia me adaptar em Belém, o segundo era que seria um a menos para a despesa de meu pai e com isso sobrava mais alimento para os meus irmãos mais novos”.

Fala Gilvânia

“Sou Gilvânia Mara dos Santos Matos, nasci na cidade de Castanhal, no Pará, em 06 de maio de 1987. Sou fruto do segundo casamento do meu pai (35 anos) com uma adolescente (15 anos). Desse casamento sou a terceira filha, totalizando cinco filhos. O clima sempre foi tenso, meus pais não se entendiam, pois meu pai sofria de uma patologia chamada alcoolismo. Não se estabilizava em emprego algum, agredia minha mãe, quebrava objetos e era comum dormirmos na casa de vizinhos e parentes. Para garantir nossa sobrevivência, minha mãe começou a alfabetizar crianças em nossa casa, também a auxiliávamos nessa tarefa. [...] O tempo foi passando e os meus sonhos cresceram cada vez mais. Quanto mais as pessoas tentavam DETERMINAR meu destino (diziam que eu seria um mero produto do meio: vendedora de lojas, dona de casa, doméstica), mais provava o contrário; queria ser diferente, queria fazer o que ninguém havia feito antes na minha família. Quando algum grupinho da classe ficava reunido conversando sobre shows/roupas/marca de cadernos/sapatos, não argumentava nada, pois isso não fazia parte do meu mundo. Fui crescendo e as necessidades também. Logo, comecei a ter desejos materiais, pessoais e espirituais como qualquer ser humano.”

Fala Hellen

“Depois de tantas dificuldades que enfrentei na minha vida, consigo enxergar e aceitar cada situação, pois compreendo que sem luta não há vitória. Se tivesse desistido no primeiro momento, não estaria hoje escrevendo minha experiência de vida, a qual alguém, um dia, possa até se identificar.

O que quero dizer é que o segredo da vitória é a persistência. Então, não devemos nunca desistir de nossos ideais, porque se não sou capaz de pelo menos tentar conquistar meus sonhos, a vida passa, as pessoas passam e o tempo se vai, e quando se percebe, não há mais oportunidades. Por isso é importante não perder o alvo da nossa vida e ir em busca dele, quebrando todos os obstáculos. Só assim será possível cantar vitória depois.”

Fala Gláucia.

“Minha vida sempre foi uma caixinha de surpresas, quando menos esperava uma mudança acontecia, não apenas territorial, mas também mudança de pensamentos e atitudes que foram conseqüências, o crescimento de qualquer ser humano requer busca, e foi esse o ponto

de partida de minha história; quero dizer que não mudávamos para fugir, e sim para encontrar algo melhor.”

Fala Jusinélio

“Somos de família humilde e tudo o que temos foi graças ao esforço de meu pai – com a ajuda de minha mãe –, principalmente no período do auge da pimenta-do-reino. Essa foi uma época de muita prosperidade. Mas depois das *Diretas Já* – movimento para democratização da República e derrubada da ditadura – as coisas começaram a mudar; o país começou a entrar em crise por causa das dívidas contraídas pelos militares. Houve mudanças em nossa moeda, na tentativa de valorizá-la em relação à moeda do exterior (dólar).

Nesse contexto, com o surgimento de outros fornecedores da pimenta-do-reino pelo mundo afora, Mocajuba, assim como o país, também entrou em crise financeira. Essa crise se refletiu muito sobre o período secundário, fazendo com que minha mãe largasse a escola para cuidar da casa e, dessa forma, ajudar meu pai no sustento da família.

[...] A expectativa de começar um ciclo acadêmico foi continuada quando entrei para universidade, depois de ter me ausentado por um longo período da escola. Esse foi um período de muitas aventuras, acontecidas depois que terminei o Ensino Médio. Muitos me crucificaram, mas faria a mesma coisa tudo de novo. Isso porque tive que sair para estudar fora da minha cidade, coisa que acontece com frequência em cidades pequenas, para se ter a chance de uma profissão na vida. Não queria sair de minha terra, mas o *sistema* não nos deixa alternativa, já que o nível de ensino do município *era, e é*, muito abaixo daqueles exigidos para competição. Mas esse é um problema de todo setor público de ensino.”

Fala Glauciane.

“Meu nome é Glauciane Pinheiro Lima, nasci em Soure, uma cidadezinha ao leste da Ilha do Marajó, a qual, segundo dados do IBGE (2000) possui apenas vinte mil habitantes. Sou filha de Melckesedeque Lima e Edna Lúcia Pinheiro. Considero-me uma pessoa forte, uma legítima cabocla marajoara porque, desde que nasci, venho transpondo barreiras. Chegar à universidade foi uma destas barreiras, por que chegar aqui não foi tarefa fácil: nós sofremos muito, eu minha família, para que, pelo menos um filho, até o momento, conseguisse entrar na Universidade. Venho de família humilde, meu pai é funcionário público, minha mãe é dona de casa e vendedora autônoma. Tenho quatro irmãos [...] O acesso ao ensino superior, um direito

de todo cidadão, que era para ser um processo normal na vida escolar/acadêmica de um estudante/cidadão, como em outros países, no Brasil configuram-se num processo de sofrimentos, dificuldades e frustrações. Sofrimento para toda a família e para todos aqueles que nos amam. Isto sem lembrar aqueles que “ficam para traz”, daquelas centenas/milhares de pessoas que sequer têm a oportunidade de acesso ao Ensino Básico ou daqueles que, mesmo se dedicando durante anos, não conseguem alcançar o tão sonhado curso superior. No meu curso, por exemplo, apenas vinte cinco conseguiram uma vaga das cinquenta ofertadas para o PSS 2005. Questiono-me então: onde estão os colegas que, agora, poderiam estar aqui comigo? Porque lhes foi negado isto?”

Fala Maria

“Considero complicado falar das imagens de minhas lembranças, pois me fazem lembrar coisas que aconteciam e eu não sabia bem explicar; expectativas, sonhos, desejos e também frustrações. Fecho os olhos e aquela imagem surge na minha memória; era eu, não a mesma de hoje, mas aquela menina franzina de sete anos que ia para o seu primeiro dia de aula; imaginava como ia ser a aula, a professora, os colegas.

Foi difícil, a distância era muito grande entre a casa e a escola, mais ou menos três quilômetros. Tinha que atravessar dois igarapés, sendo que um, no inverno, só se conseguia chegar do outro lado se fosse de canoa, a ponte era de árvores e, na época da cheia, ela desaparecia sob as águas.

Mas não me importava, eu queria era aprender a ler e escrever para saber o que estava escrito nos livros que ganhara da minha tia. Essa imagem marcou muito a minha vida, apesar de só ter ido uma semana na aula. Não aprendi nem o nome da escola, parei. Meus pais não conseguiam ir me deixar e buscar todos os dias, pois precisavam trabalhar na roça cedo.”

Fala Mauricirlene

“A universidade para mim está sendo um grande desafio, uma experiência na qual, tenho que passar por várias provas de resistência, para poder manter o meu curso em Bragança; principalmente a situação se agrava ainda mais, quando pouco se pode contar com o apoio financeiro da família. Diante disso, se pode ter uma base do que um universitário de origem popular passa para conseguir atingir seus objetivos; isto é, concluir a graduação.”

Fala Simone

“Estudar é uma trajetória estreita, demorada e cara para nós e nossos pais. Pois, antes de chegar aqui foram muitos cadernos e apostilas que meu pai nunca se negou a comprar, mas só depois de passar por muitas barreiras que podemos sentir a satisfação de ter chegado onde se almeja. Hoje faço Letras não vou dizer que é o curso de meu sonho, mas passou a fazer parte da minha realidade. Eu lutei tanto para chegar onde estou, por isso, jamais vou desvalorizar o que eu conseguir; espero sim, um dia poder passar em Educação Física, que é o curso dos meus sonhos, mas sem deixar Letras que hoje é a minha paixão. Por fim, estar em uma universidade é entrar em um universo de conhecimentos riquíssimos, tanto para o profissional quanto para a vida que infelizmente é possível para poucos.”

Fala Vadivaldo

“Relatar uma trajetória de estudante não é fácil, mesmo sabendo que esse estudante é você. Para ser sincero, esperei muito por esse momento. Desde o instante que ingressei neste programa a ansiedade não me dá sossego, a oportunidade é esta; é preciso transmitir todas as dificuldades pelas quais um estudante de origem popular passa.

Neste memorial registro as experiências vividas por um batalhador oriundo de escolas públicas, tais experiências são riquíssimas, visto que são poucos que chegam ao topo da pirâmide, sendo chamados *mais que vencedores*, porque foram persistentes e não foram vencidos por suas angústias e aflições.”

Fala Waldemir

“O ato de rememorar é muito importante porque traz à tona lembranças adormecidas, revive sonhos e desejos, mostra quantas dores e feridas temos ainda abertas e outras já cicatrizadas. Os sonhos são as forças motrizes que movem e alimentam as chamadas e as esperanças em nossas vidas. O homem não vive sem sonho e eu, hoje com vinte e cinco anos, estudante da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Castanhal, e bolsista do *Programa Conexões de Saberes*, tenho a oportunidade e a satisfação de contar em poucas palavras meus sonhos e a minha belíssima caminhada de vida que, sem dúvida, é igual à história de vida de muitos brasileiros.”

Tenho ou não tenho razão para acreditar que vale a pena deixá-las (os) falar, lutar? Digo aos senhores e senhoras foram essas (es) queridas (os) que me disseram com todas as letras, existe ainda uma alternativa e eu vou atrás dela.

Por último quero dizer, a universidade desempenha vários papéis, um deles, na minha opinião, é buscar, por meio do conhecimento, alternativas às classes populares, deixando-as falar, pois se forem silenciadas, a história não perdoará de quem delas (os) duvida. .

Viram como as falas nos falam!!!!!!!!!!

Organizadores do Número

Maria José Aviz do Rosário; Nyanne Cristine de Souza Nunes; Luani Lobo da Glória;

Danilo Henrique Aragão; Jesus de Nazaré de Lima da Costa